

ESTRATÉGIAS PARA AULAS COLETIVAS DE FLAUTA DOCE: ELABORAÇÃO DE UM PRODUTO PEDAGÓGICO NO ÂMBITO DE UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL

*Cristal Angélica Velloso*¹
Fundação Sopro Novo Yamaha
cristalangelicavelloso@gmail.com

*Patricia Michelini Aguilar*²
EM-UFRJ
patriciamichelini@musica.ufrj.br

RESUMO

Os Programas de Pós-graduação *stricto sensu* em Música na modalidade Profissional são recentes no Brasil, diferenciando-se dos programas acadêmicos por terem como público-alvo pessoas estabelecidas no mundo do trabalho, interessadas em realizar pesquisa aplicada, cujas produções finais sejam voltadas à empregabilidade prática nos ambientes profissionais. Neste artigo, apresentamos um relato de elaboração de produto pedagógico na área de flauta doce resultante de um programa profissional, a partir dos pontos de vista da orientadora e da egressa. O texto é iniciado com uma breve contextualização da modalidade profissional e do Programa de Pós-graduação Profissional em Música da UFRJ, seguindo com o relato da elaboração do caderno “Estratégias para aulas coletivas de flauta doce”, apresentando brevemente as questões levantadas e o conteúdo abordado. Nas considerações finais, as autoras expõem suas observações sobre os processos e resultados obtidos neste projeto e indicam algumas possibilidades para futuras pesquisas na área de flauta doce.

Palavras-chave: Pós-graduação Profissional em Música; Flauta doce; Flauta doce tenor; Aulas coletivas.

1. BREVE HISTÓRICO DA PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL

Em sua página na internet, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), fundação vinculada ao Ministério da Educação que é responsável pelo gerenciamento dos cursos de pós-graduação no Brasil, informa que o Mestrado Profissional (MP) é “uma modalidade voltada para a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do

¹ Mestre em Música pela UFRJ, Diretora Pedagógica e Artística da Fundação Sopro Novo Yamaha.

² Professora Adjunta de flauta doce da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EM-UFRJ)

conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos, ou temáticas que atendam a alguma demanda do mercado de trabalho” (MESTRADO, 2017, s/n).

No documento marco da regulamentação da pós-graduação no Brasil, o relator Newton Sucupira identifica a necessidade de formação do profissional que atua no mercado de trabalho por meio de cursos que tenham como finalidade “dar ampla fundamentação científica à aplicação de uma técnica ou ao exercício de uma profissão” (PARECER, 1965, p.165). No entanto, ao contrário dos cursos acadêmicos, a pós-graduação profissional chegaria bem mais tarde nas universidades brasileiras.

O mestrado profissional foi o primeiro a ser estabelecido, a partir de uma sequência de portarias oriundas do MEC e da CAPES: a Portaria CAPES nº 47, de 1995, estabeleceu os requisitos para o funcionamento dos cursos; a de nº 80, de 1998, dispôs sobre o reconhecimento dos mestrados profissionais; em 2009, o MEC emitiu a Portaria Normativa Nº 7, substituída posteriormente pela Portaria Normativa Nº 17 do mesmo ano, onde especifica as atribuições da CAPES no que se refere à oferta e avaliação dos cursos. Nesta última portaria constam definições claras acerca da identidade e vocação do mestrado profissional. A Portaria MEC nº 389 e a Portaria CAPES nº 131, ambas de 2017, incorporaram a regulamentação do curso de doutorado profissional (DP), perfazendo atualmente a legislação que norteia a pós-graduação profissional no Brasil.

De acordo com os dados da CAPES de 2022, dos 70 Programas de Pós-graduação em Artes reconhecidos pelo MEC, 11 são mestrados profissionais, incluindo o PROF-Artes em rede, que reúne 11 Instituições de Ensino Superior (IES). Dentre estes mestrados, quatro constituem-se Programas de Pós-graduação Profissionais em Música: PPGPROM, da Universidade Federal da Bahia (UFBA, desde 2013); PROEMUS, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, desde 2014); PROMUS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, desde 2016); e o PPGPM, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG, desde 2021).

Na medida em que estes programas vão formando alunos e difundindo suas produções, percebe-se um crescente interesse por essa modalidade de pós-graduação pelos profissionais que atuam nos ambientes de trabalho. Antônio Cabral Neto e Alda Maria Duarte Araújo Castro, analisando a evolução no número de titulados da pós-graduação brasileira, observam que os cursos de mestrado profissional foram aqueles que mais aumentaram o número de titulados, em uma análise relativizada perante os cursos de mestrado e doutorado acadêmicos, considerando o período entre 1999 (primeiro registro de títulos de MP emitidos) e 2018 (CABRAL NETO; CASTRO, 2013, p.357). Embora não estejam aí incluídos os dados mais recentes, sobretudo

dos jovens programas da área de Artes, estes dados indicam que há baixa evasão discente nos mestrados profissionais, demonstrando que a modalidade vem atendendo à demanda de seu público-alvo, fato que merece ser observado com bastante atenção se considerarmos que tais programas não dispõem do oferecimento de bolsas de estudos pela CAPES ou pelas agências de fomento estaduais.

Assim, tendo em conta que a pós-graduação profissional vem se consolidando como uma alternativa de formação superior eficaz e apropriada, sobretudo para quem está ativo no mercado de trabalho, levantamos as seguintes questões: quais projetos de pesquisa relacionados à flauta doce podem ser desenvolvidos nesta modalidade de pós-graduação? Como aqueles que utilizam a flauta doce em suas práticas profissionais podem se beneficiar de um mestrado profissional, considerando que tenham interesse tanto em complementar seus estudos, quanto em elaborar produtos artísticos e pedagógicos que contribuam para solucionar problemas e lacunas no ensino e difusão do instrumento?

Pensando em possíveis respostas para as questões acima levantadas, apresentaremos a seguir o exemplo de uma pesquisa relacionada à flauta doce que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Profissional em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROMUS-UFRJ), entre os anos de 2020 e 2021, por Cristal Angélica Velloso, sob a orientação de Patricia Micheline Aguiar. O produto pedagógico resultante desta pesquisa acaba de ser publicado pela editora Tipografia Musical sob o título de *Flauta Doce, Conteúdos para Aulas Coletivas* (VELLOSO, 2023).

1.1 O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM MÚSICA DA UFRJ

O PROMUS-UFRJ foi aprovado pela CAPES em novembro de 2015, em resposta à enorme demanda por um curso com o perfil de pesquisa aplicada, a partir de necessidades impostas pela realidade profissional do músico e professor que atuam, sobretudo, na Região Sudeste do país. Sua Área de Concentração é a de *Práticas Interpretativas*, desdobrada em duas Linhas de Pesquisa (Atuação Profissional): *Processos de Desenvolvimento Artístico* (PDA) e *Pedagogia Instrumental/Vocal/Regências* (PIVR).

A linha PDA acolhe pesquisas relacionadas à prática da interpretação musical, a partir da abordagem de repertórios originais e não originais, das mais diversas procedências, e também dos saberes necessários ao intérprete para o incremento de sua atuação profissional e da construção de sua carreira artística. Como produtos resultantes desta linha, podemos elencar: gravações em áudio e/ou vídeo, elaboração de edições de partituras, elaboração e interpretação

de arranjos, elaboração e interpretação de novos repertórios, elaboração de documentários, websites, etc.

A linha PIVR concentra pesquisas relacionadas ao ensino de instrumentos musicais para os diversos públicos atendidos nos ambientes profissionais. Nesta categoria, podem ser contemplados projetos que preveem a elaboração de materiais didáticos diversos, que abordem as especificidades do instrumento (manuais com informações sobre organologia, história, recursos técnicos, manutenção, etc.), as necessidades físicas e cognitivas do intérprete (preparação corporal, instruções para aprimoramento dos estudos, preparação para provas e recitais, etc.), orientações quanto à interpretação de repertórios específicos, criação e reunião de exercícios técnicos, estudos e repertórios variados, manuais para o desenvolvimento do improviso, dentre outros. Tais produtos podem ser apresentados em diversos formatos, seja como livros e cadernos (material físico ou virtual), como multimídia (vídeos, gravações, playbacks, etc.), websites, aplicativos, etc.

Tanto os produtos artísticos (linha PDA) quanto os pedagógicos (linha PIVR) acima descritos podem ser propostos para a flauta doce. A elaboração de tais produtos certamente pode agregar em muito a bibliografia e os materiais relacionados à performance e ao ensino de flauta doce.

A pesquisa que apresentamos a seguir insere-se na linha PIVR. Trata-se da elaboração de um caderno intitulado *Estratégias para aulas coletivas de flauta doce*, destinado a professores que ministram aulas coletivas de flauta doce nas escolas, em especial àqueles que o fazem no Ensino Básico, mas também em projetos sociais e ambientes afins. Além do caderno, foi elaborada uma dissertação descrevendo todo o processo de desenvolvimento do produto, que está disponível para consulta no site do Programa³.

2. QUESTÕES QUE MOTIVARAM A ELABORAÇÃO DO CADERNO

Ao contrário dos professores que lecionam em escolas especializadas de música, a maioria dos professores generalistas de escolas regulares que lecionam flauta doce não passaram pelos cursos de Licenciatura em Música e, portanto, costumam não possuir grande conhecimento de flauta doce no que tange tanto à prática quanto à teoria⁴.

³ Consultar em: <<https://promus.musica.ufrj.br/pesquisa/cristal-angelica-veloso>>

⁴ Muito embora tenham sido realizados diversos estudos com professores de flauta doce oriundos dos cursos de Licenciatura em Música e Licenciatura em Educação Artística, há uma carência de pesquisas com aqueles que não tiveram essa formação e que lecionam música e flauta doce por iniciativa própria no Ensino Básico. No primeiro caso, consideramos a tese de Anete Weichselbaum (2013) como referencial; no segundo, destacamos o trabalho

A partir dos relatos aferidos em vários cursos de capacitação de professores que ministramos ao longo dos últimos 18 anos, verificamos que os dirigentes de escolas privadas de ensino regular frequentemente solicitam a seus professores que ofereçam aulas de música utilizando flauta doce, como diferencial competitivo. O mesmo pode ser observado em escolas públicas, onde os professores são incentivados a oferecer esta prática como atividade complementar não obrigatória para seus alunos, no contraturno. Muito embora seja necessária uma averiguação mais detalhada sobre a formação destes professores generalistas no que diz respeito à flauta doce, percebemos, pela experiência prática, que, de maneira geral, tanto os docentes de escolas privadas quanto os de escolas públicas detêm uma formação em flauta doce apenas em nível iniciante, já que, pela urgência de atender à demanda criada pela iniciativa dos dirigentes escolares, estudam e se desenvolvem no instrumento ao mesmo tempo em que ensinam seus alunos as primeiras notas.

A pesquisa desenvolvida no PROMUS buscou compreender melhor os desafios destes professores e oferecer novas possibilidades de atuação em suas aulas coletivas de flauta doce, levando em consideração os questionamentos trazidos por eles nos cursos anteriormente referidos e em encontros de diversas naturezas. As perguntas mais frequentemente ouvidas são as seguintes:

- (a) Como me fazer ouvir pelos alunos na sala de aula enquanto estou tocando com eles?
- (b) Que atividades coletivas eu posso fazer com eles, de forma a mantê-los conectados e atentos ao ouvir os colegas além de si mesmos?
- (c) Você tem alguma música legal para “tal” data comemorativa?
- (d) Cansei de apenas tocar as músicas pedagógicas. O que eu poderia tocar para desenvolver mais a minha performance na flauta doce?

Assim, o caderno procurou atender a estes questionamentos por meio de quatro propostas principais:

- (a) Defender o uso da flauta doce tenor, ao invés da soprano, pelo professor;
- (b) Propor exercícios e repertórios adequados para aulas coletivas de flauta doce em nível iniciante e intermediário;

de Mirtes Strapazzon (2013). Ressalte-se que este último se constitui em uma comunicação de pesquisa realizada com professores do Ensino Básico, sem o detalhamento do perfil de formação destes professores.

- (c) Oferecer um repertório de canções que atenda as demandas de datas comemorativas da escola, que no caderno foi nomeado de “Calendário escolar”.
- (d) Oferecer um repertório original para a flauta doce tenor, onde o professor possa exercitar e melhorar sua própria performance como dulcista.

Falaremos a seguir sobre cada uma destas estratégias e de como foram desenvolvidas no caderno.

2.1 A FLAUTA TENOR COMO FERRAMENTA DO PROFESSOR

Trata-se de uma estratégia que oferece como vantagem ao professor a identidade de uma sonoridade própria, por ser um instrumento de som mais grave, portanto facilmente identificado pelo aluno como som guia. O uso da flauta doce tenor também permite ao professor exemplificar a digitação da flauta doce soprano de forma amplificada e sem prejuízo para sua técnica, já que este não precisará exagerar os movimentos dos dedos ao demonstrar as digitações, procedimento frequentemente adotado por professores em turmas com muitos alunos.

A inclusão da flauta doce tenor na sala de aula dá aos alunos a oportunidade de conhecer mais um instrumento da família, gerando motivação para conhecer os demais tipos de flautas doces. Ela pode servir de estímulo para que os alunos estudem a flauta doce como instrumento principal e não somente como instrumento de passagem, para auxiliar na divulgação das outras flautas doces com o pé em dó, como a *garklein* e grande baixo, e para gerar interesse nas outras flautas da família.

Embora as atividades propostas em *Estratégias para aulas coletivas de flauta doce* possam ser realizadas pelo professor com a flauta doce soprano, todo o caderno foi planejado pensando no uso da flauta doce tenor. Ao longo da pesquisa, foi realizada uma consulta, por meio de formulário *google*, a cem professores que ministram aulas coletivas de flauta doce, para averiguar a aceitação da utilização da flauta doce tenor como ferramenta do professor. A partir das respostas positivas do questionário, concluímos que a inovação proposta será bem aceita, mesmo considerando o custo mais elevado desta flauta em relação às flautas soprano e contralto⁵.

⁵ O detalhamento desta pesquisa pode ser consultado em: VELLOSO, Cristal Angélica. **Estratégias para aulas coletivas de flauta doce**. 2021. Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,

2.2 EXERCÍCIOS PARA AULAS COLETIVAS DE FLAUTA DOCE

O caderno apresenta doze atividades para aulas coletivas de flauta doce que podem ser realizadas por grupos de alunos com níveis distintos de habilidades no instrumento. O objetivo é que todos eles possam chegar a um mesmo patamar no que tange a: explorar o instrumento, praticar a escuta, exercitar a memória, a criatividade, colaboração, o trabalho em equipe e testar a prontidão diante de um estímulo. Optamos, na maior parte das vezes, por exercícios colaborativos, onde o prazer de fazer seja superior ao que se possa ter em ganhar pontos em uma competição.

Alguns exercícios permitem trabalhar aspectos técnicos do instrumento, outros servem a questões puramente musicais e outros ainda ajudam a desenvolver habilidades que facilitam o aprendizado, como memória, percepção auditiva, coordenação motora, etc. Durante a execução desses exercícios, esperamos proporcionar motivação, diversão, prazer e, por consequência, a experiência de fluxo⁶, aquela em que o tempo parece passar rapidamente dado o envolvimento à atividade. Isso desde que os desafios sejam compatíveis com a capacidade de quem executa.

Aqui cabe um comentário. Após o ingresso no Mestrado Profissional, enfrentamos o desafio do isolamento social, devido à Pandemia de Covid 19, que nos obrigou a fazer os estudos majoritariamente no modelo on-line. Ainda que todo esse período tenha sido de muita dor e tristeza, o fato de termos aprendido a trabalhar com recursos próprios da Educação à Distância acabou sendo uma vantagem, pois a partir disso foram criadas atividades on-line que puderam ser acrescentadas no trabalho.

As versões on-line dessas estratégias foram pensadas para aulas síncronas, cujas plataformas permitem dividir os alunos em salas (grupos) diferentes e compartilhar conteúdos diversos.

Para a apresentação dos exercícios, foi estabelecido um padrão, abordando quatro tópicos principais (vide a figura 1). São eles:

- Recurso: Orienta quanto aos materiais necessários para a execução da atividade;
- Objetivo: Quais competências e conhecimentos serão trabalhados na atividade/jogo;

Escola de Música, Rio de Janeiro, RJ, 2021. Disponível em: <<https://promus.musica.ufrj.br/pesquisa/cristal-angelica-velloso/>>

⁶ A Teoria do Fluxo (TF) foi elaborada por Csikszentmihalyi e é referência sobre motivação e prática. De acordo com Rosane Cardoso, “o autor explica que o ‘estado de fluxo’ é gerado a partir de componentes afetivos da motivação vinculados à motivação intrínseca e à concentração, que direcionam a execução de uma atividade. O estado de fluxo, portanto, pode ser caracterizado como um profundo envolvimento pessoal nas atividades de forma exclusiva, aplicada e prazerosa” (ARAÚJO, 2008, p.41-42).

- Descrição: Explica como a atividade deve ser realizada;
- Versão on-line: Trata-se da adaptação da atividade para aulas on-line.

A descrição feita em tópicos de cada passo dos exercícios facilitou a conversão para o formato de aula on-line, evitando repetições de passos desnecessários na descrição dos exercícios.

Exercício 3 - As partes da flauta

Recurso: Uma flauta doce soprano.

Objetivo: Aprender os nomes das partes da flauta e aprender a cantar uma canção.

Descrição: Peça aos alunos que desmontem suas flautas e coloquem as partes sobre a mesa.

Ensine a canção Cabeça, corpo e pé. Mostre as partes da flauta utilizando sua flauta tenor para que haja melhor visualização por parte dos alunos. Cante a canção com os alunos, mostrando cada parte do instrumento.

Obs.: esta música é uma adaptação da canção tradicional de mesmo título, muito utilizada na Educação Infantil, que fala das partes do corpo humano.

 **Versão On-line**

Essa canção deve ser ensinada pelo professor e os alunos devem ficar com seus microfones fechados, assim poderão cantar ouvindo o professor e imitando seu gestual.

Figura 1: Exercício 3: As partes da flauta. Fonte: Velloso, 2021.

2.3 CALENDÁRIO MUSICAL

Para auxiliar na escolha de repertório a ser trabalhado em datas comemorativas na escola, o caderno apresenta um calendário de datas festivas com a sugestão de uma canção folclórica ou inédita para cantar e tocar com os alunos. As músicas inéditas são autorais e as outras são de nosso folclore ou tradicionais de outras culturas.

Antes de apresentar as partituras, o texto traz dicas para ajudar o professor a ensinar uma canção e para que os alunos possam cantar bem.

Em notas de rodapé, sugerimos formas de se trabalhar cada canção, sempre considerando que o professor usará a flauta doce tenor e os alunos a flauta doce soprano.

A escolha e composição das canções tiveram como princípio a pertinência em relação à data comemorativa, a adequação ao canto e à flauta doce e a viabilidade para prepará-la, considerando as demandas e recursos do professor.

A figura 2 apresenta como exemplo a canção sugerida para o Dia dos Povos Indígenas:

Os indígenas do Brasil

Os in - dí - ge - nas mo - ra - vam no Bra - sil an - tes de nós.
 Ti - ku - na, Gua - ra - ni. Xa - van - te, Ya - no - ma - mi,
 Gua - ja - ja - ra, Sa - be - rê Mau - ê.
 Os in - dí - ge - nas mo - ra - vam no Bra - sil an - tes de nós.
 Te - re - na, Nhen - ga - tú, Ma - cu - xi, Ka - ya - pó,
 Tu - ka - no, A - ru - a - ki, Su - ru - í.
 Os in - dí - ge - nas mo - ra - vam no Bra - sil an - tes de nós.

Os indígenas moravam no Brasil ante de nós. Serena, Nhengatu, Macuxi, Kayapó, Tikuna, Guarani, Xavante, Yanomami, Guajajara, Saberê, Mauê. Os indígenas moravam no Brasil ante de nós. Tucano, Aruaki, Suruí.



Sugiro que os alunos toquem apenas o refrão, quando ainda não estiverem utilizando as digitações formadas com a mão direita na flauta doce. O restante da melodia (estrofes) pode ser tocado pelo professor, como num jogo de encaixe; no momento em que o professor estiver tocando, as crianças podem cantar, aprendendo e memorizando os nomes das tribos indígenas presentes na letra.

Figura 2: Canção para o Dia dos Povos Indígenas. Fonte: Velloso, 2021.

O calendário musical presente no caderno apresenta as seguintes datas e sugestões de canções:

- Dia Internacional da Mulher: Mulher Rendeira (Compositor: Volta Seca)
- Dia dos Povos Indígenas⁷: Indígenas do Brasil (Compositora: Cristal Angélica Velloso)
- Dia do Trabalho: Sindô lelê (Folclore brasileiro)
- Dia da Família: Família (Compositora: Cristal Angélica Velloso)
- Festa Junina: Capelinha de melão (Folclore brasileiro)
- Dia do Folclore: Folclore (Compositora: Cristal Angélica Velloso)
- Dia da Árvore: Meu limão, meu limoeiro (Folclore brasileiro)
- Dia da Criança: Turidiritum (Compositora: Cristal Angélica Velloso)
- Dia do Professor: Meu professor vai me ensinar (Compositora: Cristal Angélica Velloso)
- Dia da Consciência Negra: Syahamba (Folclore africano)
- Natal: Menino Deus (Folclore brasileiro)

2.4 DESAFIO PARA O PROFESSOR

Partindo do princípio de que um desafio é uma estratégia para motivar a superação de um obstáculo, nesta parte do caderno procuramos instigar os professores de aulas coletivas de flauta doce a superarem a limitação a que muitos se impõem, de tocar apenas o repertório que ensinam para seus alunos. Não é raro que o professor acostumado a ministrar aulas coletivas de flauta doce não se aventure, ele próprio, a estudar um repertório que exija uma técnica e uma expressão artística que vá além do repertório ensinado para seus alunos.

Glaser e Fonterrada apontam as diferenças e os desafios que enfrentam o professor que leciona música coletivamente em escolas regulares e o professor de instrumento que leciona em escolas especializadas:

O professor da disciplina Música na escola formal trabalha com classes coletivas e está vinculado a um calendário escolar anual, enquanto o professor de instrumento vive uma situação bastante diferente nas escolas específicas de música, ministrando, em geral, aulas individuais, de técnica e interpretação musical ao instrumento, por um período de tempo que costuma se prolongar por anos. Além disso, existem questões específicas, importantes para

⁷ De acordo com a Lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022, a data de 19 de abril passa a ser comemorada como “Dia dos Povos Indígenas”, em substituição ao “Dia do Índio”. A lei pode ser consultada em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2022/lei-14402-8-julho-2022-792970-publicacaooriginal-165713-pl.html>>

o professor de instrumento, mas não necessariamente para os professores de uma escola de ensino fundamental e médio. Referimo-nos ao conhecimento de repertório do instrumento musical disponível para todos os níveis de alunos, da história da pedagogia do próprio instrumento, e do conhecimento de psicologia direcionado para um trabalho individual com o aluno por um período de muitos anos. (GLASER; FONTERRADA, 2007, p.31-32)

Acreditamos que o professor de aulas coletivas de flauta doce em escolas regulares deve se desenvolver no instrumento continuamente, assim como os professores de instrumento das escolas de música devem procurar ampliar seu conhecimento em pedagogia instrumental. Ambos devem vivenciar as mesmas experiências que proporcionam a seus alunos. No caso das aulas coletivas de flauta doce, o professor precisa compreender a real dimensão de se aprender um novo repertório, desenvolver-se tecnicamente e se expor em apresentações artísticas, revelando o efetivo aprendizado adquirido nas aulas. Para isso, é necessário que ele próprio passe por todas essas etapas.

Nesse sentido, incluímos a seção *Desafio para o Professor* no caderno *Estratégias para aulas coletivas de flauta doce*, onde convidamos três compositores em atividade para escrever peças originais para flauta doce, onde a flauta doce tenor tenha um maior protagonismo. A intenção foi a de provocar o professor a estudar peças de nível intermediário e avançado, com a flauta tenor.

As obras originais são: *O Diário da Quarentena*, de Beethoven Cunha (Goiânia), para flauta doce tenor solo; *Flauteio*, de Cosme Galindo (Rio de Janeiro), para flautas doces soprano, contralto, tenor e violão; e *Cristalina*, de Patricia Micheliní Aguilar (São Paulo), em duas versões: dueto, para flautas doces soprano e tenor, e trio, para duas flautas doces soprano e uma tenor.

Parte importante do caderno é a construção de uma filosofia de trabalho, a partir da escolha de uma linha pedagógica, e o incentivo à reflexão sobre os temas que influenciam diretamente a prática docente. Assim, na introdução do livro são abordados conceitos importantes para orientar o pensamento do professor no planejamento de suas aulas, além de algumas outras justificativas para a criação do caderno. Este conteúdo está dividido nos seguintes assuntos:

- A falta que a música faz nas escolas;
- A diferença entre Ouvir e Escutar;
- A diferença entre Iniciação Musical e Musicalização;
- Os alunos precisam cantar mais

- Como lidar com questões relacionadas a falta de disciplina, falta de estudo, identificação de repertório e heterogeneidade da turma para ter aulas coletivas de flauta doce mais produtivas?

Constitui-se parte fundamental do caderno apresentar estratégias para lidar com questões que devem ser levadas em conta no trato com os alunos, nas aulas coletivas de flauta doce. Procuramos mostrar como lidar com assuntos relacionados à disciplina, falta de estudo, repertório e heterogeneidade das turmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui comunicada, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação Profissional em Música da UFRJ, havia sido apresentada, como projeto, a docentes de programas acadêmicos de diferentes universidades do Estado de São Paulo; a modalidade profissional de pós-graduação, no entanto, foi a que se mostrou mais adequada para acolher o projeto. Além disso, o formato do curso, realizado totalmente on-line em virtude das orientações de isolamento social, favoreceu a manutenção das atividades profissionais da autora, fato de extrema importância para um Programa Profissional.

A elaboração do caderno *Estratégias para aulas coletivas de flauta doce* baseou-se na experiência da autora em sala de aula e como capacitadora docente, que foi enriquecida por muitas leituras, discussões e debates com os professores do Programa e com os colegas de curso. O resultado é um livro que tem 100% de aplicabilidade prática, e que certamente irá auxiliar muitos professores dedicados a ensinar a flauta doce em suas aulas de música.

Da parte do PROMUS, o projeto desenvolvido atingiu plenamente os objetivos do Programa, ao possibilitar a elaboração de um produto pedagógico com muita reflexão e troca de saberes. A realização do caderno *Estratégias para aulas coletivas de flauta doce* confirma a vocação dos programas profissionais, no sentido de produzir material com qualidade acadêmica, voltado para as necessidades do mundo do trabalho. Reitera-se, assim, o que já apontavam Quelhas et. al. em 2005: “é entendimento que a proposta do mestrado profissional deve ser vista como um acréscimo de qualidade ao sistema de pós-graduação instalado e não como uma substituição de quaisquer das atividades conduzidas” (2005, p.98).

Esperamos que muitas outras contribuições para a bibliografia da flauta doce possam surgir a partir das pesquisas e produtos desenvolvidos no PROMUS e nos outros programas profissionais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Experiência de fluxo na prática e aprendizagem musical. **Música em Perspectiva**, Repositório Digital de Periódicos da UFPR, v. 1, n. 2, p. 39- 52, out., 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/19491/28636>>

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria Normativa nº7, de 22 de junho de 2009**. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria Normativa nº17, de 28 de dezembro de 2009**. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria Normativa nº389, de 23 de março de 2017**. Brasília, 2017.

CABRAL NETO, Antônio; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. A expansão da pós-graduação em cenários de globalização: recortes da situação brasileira. **INTER-AÇÃO: Revista da Faculdade de Educação**, UFG, v.38, n.2, p.339-362, mai./ago. 2013.

CAPES - Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior. **Portaria nº47, de 17 de outubro de 1995**. Brasília, 1995.

CAPES - Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior. **Portaria nº80, de 16 de dezembro de 1998**. Brasília, 1998.

CAPES - Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior. **Portaria nº131, de 28 de junho de 2017**. Brasília, 2017.

CAPES abre oportunidade para criação de mestrado profissional em áreas específicas. **CAPES**, Brasília, 2 de julho de 2005. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/blank-94086468>>

GLASER, Scheilla; FONTERRADA, Marisa. Músico-Professor: uma questão complexa. **Música Hodie**. Goiânia, v. 7, n. 1, p. 27-49, nov., 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/1741/12169>>

MESTRADO profissional: o que é? **CAPES**, Brasília, 03 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/avaliacao-o-que-e/sobre-a-avaliacao-conceitos-processos-e-normas/mestrado-profissional-o-que-e>>

PARECER do Conselho Federal de Educação nº 977, de 03 de dezembro de 1965. **Revista Brasileira de Educação**, Set /Out /Nov /Dez 2005 N°30. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NsLTtFBTJtpH3QBfHxFgm7L/?format=pdf&lang=pt>>

QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves; FILHO, José Rodrigues Faria; FRANÇA, Sérgio Luiz Braga. O mestrado profissional no contexto do sistema de pós-graduação brasileiro. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 97-104, jul. 2005.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. A flauta doce e a musicalização como um dos recursos no processo de educação musical nas escolas. In: II SIMPÓSIO ACADÊMICO DE FLAUTA DOCE DA EMBAP, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EMBAP, 2013. p.57-63

VELLOSO, Cristal Angélica. **Flauta Doce, Conteúdos para Aulas Coletivas**. São Paulo: Tipografia Musical, 2023.

VELLOSO, Cristal Angélica. **Estratégias para aulas coletivas de flauta doce**. 2021. Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Rio de Janeiro, RJ, 2021. Disponível em: <<https://promus.musica.ufrj.br/pesquisa/cristal-angelica-velloso/>>

WEICHSELBAUM, Anete Susana. **Flauta doce em um curso de Licenciatura em Música: entre as demandas da prática musical e das propostas pedagógicas do instrumento voltadas ao Ensino Básico**. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, RS, 2013.